

RABISCOS DE UM ESCRIVINHADOR

(Nesta seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta revista às sextas-feiras, no *Correio Popular*, de Campinas. Para identificação e referência bibliográfica indicam-se as datas em que foram divulgadas.)

64. UM ORATÓRIO SOBRE O ROSÁRIO

Nascido em 1875, na cidade italiana de Parma, o compositor Giulio Silva iniciou sua carreira como professor do renomado Conservatório Santa Cecília, de Roma. Radicou-se nos Estados Unidos em 1921, dirigindo por cinco anos o Departamento de Canto da Mannes Music School, de Nova York. A convite de Ernest Bloch, compositor suíço que se fixara na Califórnia, Giulio Silva acabou indo para São Francisco, dirigindo o Conservatório da grande cidade do Pacífico. Após alguns anos nessa importante função, preferiu estabelecer-se na pequena cidade de San Rafael, onde passou a dirigir a parte artística de um colégio de dominicanas. Muito conhecido como autor, professor e regente, bem como pelos seus estudos no campo da música gregoriana, Silva realizou no Colégio de San Rafael importante obra de divulgação da boa música, sobretudo a religiosa, tendo, inclusive, oportunidade de compor numerosas peças para serem cantadas por suas alunas.

Dentre suas obras, escritas nessa fase de San Rafael, a mais importante é o grande oratório inspirado nos mistérios do Rosário — *The Mysteries of Rosary* — executado pela primeira vez em 1944 e, desde então, apresentado com frequência nas solenidades religiosas do colégio, especialmente no Domingo de Ramos.

A estrutura do oratório é bastante original. Para cada um dos quinze mistérios do Rosário, Silva escolheu trechos apropriados na liturgia católica, alguns em latim (os próprios textos gregorianos), outros em inglês, com música de sua própria autoria. E com exceção dos dois últimos, escolheu ainda textos dos Evangelhos e dos Atos dos Apóstolos (parte sobre o Pentecostes), que são declamados por uma solista. Para os dois últimos mistérios, que não têm fundamento bíblico (a Assunção e a Coroação de Nossa Senhora no céu), o autor elaborou os textos com o simples relato do que ensina a tradição da Igreja. Desta forma, a tripartição dos quinze mistérios em gregoriano, recitativo e coral, dá à obra uma estranha beleza e um profundo sentido de espiritualidade. O oratório (ou a oratória, como preferem dizer os portugueses) é composto apenas para vozes femininas (tanto solistas como coristas), com acompanhamento de cordas e alguns solos especiais de órgão, harpa e violino.

Faz quase um quarto de século que travei conhecimento com essa obra, através de uma excelente gravação (creio que a única) feita pela Music Library Recording, de Nova York, logo retirada do catálogo e nunca mais reimpressa. Na ocasião, sabia que o autor continuava vivendo em San Rafael, onde provavelmente terminou seus dias, talvez pouco depois de ter visto sua obra máxima registrada para a posteridade. (9-10-1981.)

*

65. COMPOSITOR INGLÊS EVOCA CERIMÔNIA DE NATAL

Benjamin Britten, indubitavelmente, foi a maior figura musical da Inglaterra deste século. Não chegando a viver sessenta anos (1913-1969), deixou uma obra numerosa e de mais alta qualidade, abrangendo praticamente todas as formas de composição. Em seu catálogo, encontram-se doze óperas (as mais importantes da lírica inglesa), cantatas, bailados, sinfonias, concertos, sonatas para os mais diversos instrumentos, canções, oratórios, o "Réquiem de Guerra" e ainda algumas obras inspiradas em autos e mistérios da Inglaterra medieval e cânticos sobre textos de poetas da Renascença inglesa. Nessa vastíssima produção britteniana, uma obra me toca de perto e gostaria de evocá-la nesta semana, pois ela própria é uma admirável evocação natalina. Trata-se de **Ceremony of Carols**, na qual Britten realizou feliz aproveitamento de textos ingleses antigos. Escrita para vozes femininas (ou infantis), com acompanhamento apenas de harpa, com essa obra pretendeu o compositor descrever (talvez melhor "imaginar") uma cerimônia de Natal: o coro entra na igreja cantando, sem acompanhamento algum, o "Hodie Christus natus est", provavelmente o mais antigo texto que se conhece alusivo ao nascimento de Cristo; canta uma série de "carols", todos relativos à festa magna da Igreja e retira-se novamente ao som do velho cantochão que serviu para o início da cerimônia.

Consta a obra de dez partes: a primeira, já citada, é cantada processionalmente; a segunda e a terceira, de autores anônimos, constituem cânticos de saudação ao Natal e ao Ano-Novo; a quarta contém duas belas canções de Wedderburn, poeta setecentista; em ambas, além do coro, há oportunas intervenções de solistas; a quinta parte, também de autor desconhecido, relata as relações de Jesus com sua Mãe; segue-se "This little Babe", de Robert Southwell, poeta jesuíta supliciado no tempo de Isabel; vem, depois, um tocante interlúdio para solo de harpa, com o qual Britten pretendeu evocar a frígida noite de Belém, quando nasceu o Messias prometido; na oitava parte comparece novamente Southwell com sua poesia "In freezing winter night"; segue-se um "carol" da época de Henrique VIII e a penúltima parte é um anônimo "Deo Gratias", simples, ingênuo e terno poema medieval. A obra conclui com a repeti-

ção do "Hodie Christus natus est", desta vez simbolizando a saída dos fiéis da Igreja onde foram celebrar o Natal.

Esta contribuição de Britten para a musicologia natalina; pela beleza dos textos e pela sublimidade da música, situa-se maravilhosamente no espírito do Natal, tal como celebrado nas velhas igrejas inglesas que remontam à época medieval, documentado, hoje, por um sem-número autos e mistérios que chegaram até nós. (23-12-1981.)

66. UM DOS GRANDES FILHOS DE BACH

O Ano-Novo já nos propiciou, logo no dia primeiro, significativa efeméride da história da música: o bicentenário da morte de João Cristiano Bach, o caçula da numerosa prole deixada pelo grande João Sebastião. E também um dos maiores compositores de todos os tempos. Dos vinte filhos do velho Bach, de dois matrimônios, todos os varões dedicaram-se à música e alguns deles tornaram-se conhecidos e famosos antes do próprio pai, como é precisamente o caso de Carlos Felipe e de João Cristiano. Ao contrário do pai, que nunca saiu da Alemanha, e mesmo em seu país pouco viajou, seus dois filhos mais ilustres correram a Europa, freqüentando centros de vida musical na Itália, França e Inglaterra, alargando seus horizontes, conhecendo novas tendências estéticas, convivendo com figuras marcantes de diversos países, com inúmeras oportunidades (que o pai não teve) de ver suas obras impressas e divulgadas. Enquanto o velho João Sebastião, reconhecido em seu tempo apenas como um grande organista, só teve sua obra divulgada um século após a morte, ou seja, em meados do século passado, quando, graças sobretudo aos esforços de Mendelssohn, suas composições mais importantes foram tiradas da poeira dos arquivos. Hoje, talvez não haja compositor mais divulgado, estudado, analisado, interpretado e comentado.

Quanto ao filho caçula, nascido em Leipzig a 5 de setembro de 1735, perdeu o pai quando apenas estava pelos quinze anos, e sua formação musical foi entregue aos cuidados de Carlos Felipe, o mais velho de seus irmãos. Foi para a Itália, e, em Milão, em convívio com o famoso Abade Martini, assimilou os princípios estéticos dos compositores italianos. Converteu-se ao catolicismo (quebrando velha tradição da família) e deixou numerosas obras religiosas, no mais legítimo espírito católico. Dedicou-se também à ópera (o que não era uma tradição da família) e, nesta forma, deixou treze obras de grande aceitação em seu tempo.

Percebendo o quanto a música italiana era apreciada na Inglaterra, aceitou convite para estabelecer-se em Londres em 1757 e na capital inglesa viveu até o seu falecimento, em 1^o de janeiro de 1782. Com isto, rangeou o epíteto de "Bach de Londres", embora alguns o chamem também de "Bach de Milão", pela sua passagem pela capital lombarda. Não chegando a viver meio século (talvez tenha sido o Bach de vida mais curta) deixou obra volumosa e variada. Passa por ter sido um dos primeiros a substituir de vez o velho cravo pelo piano recém-inventado, da mesma maneira que contribuiu decisivamente para a fixação do concerto para piano e orquestra como forma musical das mais preferidas desde

então. Embora bastante beneficiado pelo disco, tem estado praticamente ausente das nossas salas de concerto. (13-1-1982.)

*

67. BICENTENÁRIO DE UM COMPOSITOR ESQUECIDO

Depois de amanhã, o mundo musical francês estará comemorando o bicentenário de nascimento de um dos grandes compositores que a França nos deu no século passado, mas praticamente esquecido hoje: Auber (Daniel François Esprit D'Auber), nascido em Caen a 29 de janeiro de 1782, e falecido em Paris, com mais de noventa anos, a 12 de maio de 1871. Foi uma das figuras mais marcantes da chamada "Grand Opéra", tão do agrado dos franceses na primeira metade do século XIX. Grande parte de suas óperas (e escreveu cerca de quarenta) está esquecida, pouco figurando nos programas das temporadas líricas de seu próprio país. São obras que marcaram determinada época, mas de montagens praticamente inexequíveis pelas suas grandes exigências cênicas. Delas executam-se hoje, como peças de concerto, suas belíssimas "ouvertures". Talvez um dia o disco venha a ressuscitá-las, o que até o momento não ocorreu, pois de toda a sua vasta produção, apenas uma ópera, **Fra Diavolo**, foi parcialmente gravada e, assim mesmo, na Alemanha e cantada em alemão...

Das que ainda se representam, talvez a mais importante seja **Masaniello** (também conhecida por **A muda de Portici**), sobre a qual já tive oportunidade de escrever, há alguns anos, nesta mesma folha, em artigo a que intitulei **Uma ópera a serviço da liberdade**. "Masaniello", composta sobre texto de Scribe (aliás, o libretista de quase todas as suas óperas) foi inspirada num episódio verídico e seu personagem-título existiu realmente. Chamava-se Tommaso Aniello (da junção dos dois nomes formou-se "Masaniello") e tem sua vida ligada a um movimento de revolta dos napolitanos contra os espanhóis, em 1647, época em que Nápoles e as cidades vizinhas estavam sob o domínio do Duque de Arcos. Sua atitude de revolta fora motivada pela perda de suas poucas posses, vendidas para pagar a multa imposta à sua mulher por levar para casa um saco de farinha. A revolta foi tão bem sucedida, que o vice-rei espanhol viu-se forçado a abolir os impostos sobre alimentos e gêneros de primeira necessidade. Quando, porém, os insurretos se dissolveram, Masaniello foi assassinado por sicários espanhóis. Companheiro de Masaniello nessa revolta foi o pintor e poeta Salvator Rosa, que inspirou ao nosso Carlos Gomes uma de suas grandes óperas.

Além de **Masaniello**, tornaram-se famosas, em sua produção, **O Cavalo de Bronze**, **Os Diamantes da Coroa** e a já citada **Fra Diavolo**, esta no gênero cômico, pois Auber soube dividir-se entre a ópera séria e a "buffa". **Fra Diavolo** chegou a ser aproveitada pelo cinema, numa deliciosa comédia com o Gordo e o Magro, a inesquecível dupla dos anos 30. Quem a assistiu, dificilmente esquecerá a interpretação de Denis King no papel do galante salteador dos Abruzzos. Registre-se, pois, com esta modesta nota, a efeméride bicentenária de um compositor renomado em seu tempo, mas hoje praticamente esquecido. (27-1-1982.)

68. TITULARES PAULISTAS

O Instituto Genealógico Brasileiro consagrou o segundo número de sua revista às conferências proferidas no Segundo Curso de Genealogia e Heráldica, realizado em 1978 e que versou sobre "As Grandes Famílias Paulistas." Oito das treze conferências então pronunciadas acham-se reunidas neste volume, esclarecendo a Redação que as demais serão publicadas em próximo número. Além de dois trabalhos específicos sobre Heráldica e de um estudo sobre Pedro Taques, os demais versam sobre os titulares paulistas do Império, deles tratando Celso Maria de Melo Pupo, Lycurgo de Castro Santos Filho, José Luiz Pasin, José Clóvis Vicente de Azevedo e o signatário desta nota.

A Celso de Melo Pupo coube falar dos titulares de Itu: os Barões de Itu, de Piracicaba, de Cascalho, de Campinas, de Jundiaí e do Itaim; o Marquês de Itu, o Conde de Parnaíba e a Baronesa de Jundiaí.

Lycurgo Santos Filho tratou dos titulares de Campinas, cuidando de 21 em vez dos 23 que haviam sido arrolados e estudados anteriormente por Theodoro de Souza Campos Júnior, por entender que os dois Barões de Campinas não devam figurar na relação, pois nenhuma vinculação têm com a cidade. E ponderadamente escreve: "Até hoje não se compreende porque o baronato de Campinas tenha sido atribuído a dois homens dela inteiramente desvinculados". E explica: "Talvez a resposta esteja no fato de titulares de Campinas ostentarem, por sua vez, nomes de cidades vizinhas".

Reduzidos, assim, a 21, eis os titulares de Campinas, pela ordem hierárquica: Marquês de Três Rios, Conde de Parnaíba, Condessa do Pinhal, Viscondessa de Campinas, Visconde de Indaiatuba e do Rio Claro e os Barões de Atibaia, de Ataliba Nogueira, de Ibitinga, de Monte Mor, de Paranapanema, de Geraldo Resende, de Itapura, de Itatiba, de Anhumas, de Pirapitingüi, de Cascalho, de Porto Feliz, de Melo e Oliveira, e as Baronesas de Dourado e de Almeida Lima.

A José Luiz Pasin coube tratar dos titulares do Vale do Paraíba, que somam quase quarenta, distribuídos por nove cidades. E José Clóvis Vicente de Azevedo cuidou dos dez titulares agraciados pela Santa Sé e que constituem a "nobreza pontifícia". Finalmente, ao autor destas linhas coube dissertar sobre quatro grandes titulares: o Marquês de São Vicente, o Conde do Pinhal, o Visconde de Porto Seguro e o Barão de Piratininga.

Com poucas exceções, a nobreza imperial brasileira está vinculada à vida fazendeira, mais propriamente, no caso paulista, ao café. Esperamos que o Instituto Genealógico publique as demais conferências para que se tenha um quadro completo dos nossos titulares. (3-2-1982.)

*

